

COMPREENDER: REFLEXÕES BOURDIEUSIANAS SOBRE A INTERAÇÃO DE ENTREVISTA

Jair Araújo¹³³ e Joicy Suely Galvão da Costa¹³⁴

BOURDIEU, Pierre. **A Miséria do Mundo**. Petrópolis/RJ: Vozes, 2007 pp. 693-713.

Pierre Bourdieu debruça-se, no artigo **Compreender**, sobre o “caso particular de interação entre o pesquisador e aquele ou aquela que ele interroga.” (p. 693). Segundo ele, em relação a este assunto particular, os manuais de metodologias e técnicas de pesquisa não são muito úteis, uma vez que lhes falta algo “*essencial*” (*idem*), isto é, não levam em consideração aquelas condutas e estratégias comuns de que se utilizam (e sabem que o fazem) os pesquisadores que respeitam seus **objetos** de estudo e que estão atentos às sutilezas plurais que, como agentes sociais, desenvolvem ao estabelecer uma interação de pesquisa. A prática da pesquisa, em seu modo real e efetivo de acontecer e de desdobrar-se na situação da pesquisa, não tem sido – segundo o autor – adequadamente abordada pelos metodólogos mais cientificistas, nem pelos mais intuitivos.

A **relação de pesquisa**, ainda que distinta das demais trocas comuns de existência, não deixa de ser uma *relação social* e, de igual modo, não deixar de exercer – sobre os resultados da investigação – os efeitos derivados desta situação de poder/submissão (entre pesquisador/pesquisado) implicada no estudo científico. Quanto a isso, Bourdieu aponta que tantos os defensores das metodologias quantitativas quando os seus pares contrários (qualitativistas), têm ignorado os “efeitos que as estruturas objetivas exercem não somente nas interações [ordinárias]..., mas também na sua interação [pesquisadores] com as pessoas submetidas à observação ou à interrupção” (p. 694).

O autor propõe uma “*reflexividade reflexa*” (*idem*) fundamentada num modo de olhar sociológico trabalhado para perceber e controlar, na situação de campo, os efeitos

¹³³ Graduando em Ciências Sociais pela UFRN.

¹³⁴ Mestranda em Ciências Sociais pela UFRN.

da estrutura na condução mesma da pesquisa. A “*ciência dos pressupostos*” deve ter a competência para pensar os seus próprios pressupostos (p. 694). Isto é, os cientistas sociais devem tornar-se hábeis em aplicar a riqueza dos “achados” da própria ciência social no aperfeiçoamento de suas pesquisas; como diz Bourdieu, “começar a interrogação já dominando os efeitos [implicados] inevitáveis das perguntas.” (*idem*). Para ele a sociologia deve ser uma ciência cônica de que se realiza como um *constructo* – embora haja as que não se dêem conta disso – e deve esforçar-se para conhecer e dominar, com o máximo comprometimento, seus movimentos e processos de construção do saber científico e os efeitos inexoráveis que estes exercem sobre a pesquisa e sobre a própria construção.

Bourdieu explora e elenca as medidas profiláticas, por assim dizer, da situação comunicativa que implica a entrevista tanto da *percepção do pesquisador* quanto da *percepção do entrevistado*. Estas percepções são duas propriedades inerentes à relação de entrevista e cabe ao pesquisador trabalhar para dominar ao máximo os seus efeitos sobre a pesquisa e sobre o entrevistado – sem, contudo, iludir-se quanto à proporção de eficácia de sua ação – a fim de reduzir, com certo grau de sucesso, a *violência simbólica* que se pode exercer *por meio* da pesquisa.

Uma das alternativas elaboradas por Bourdieu e sua equipe foi a, não fácil, instauração de uma “*escuta ativa e metódica*” (p. 695) que se situa a meio termo entre a entrevista não-dirigida (aberta) e a semi-estruturada (questionário fechado). Com isso, Bourdieu intenta alcançar uma relação de pesquisa que seja a mais próxima possível do limite ideal, para tal, controlando a *interação* em seus níveis linguísticos (verbais e não-verbais) e a *estrutura* da relação pela escolha dos entrevistados e daqueles que irão entrevistá-los.

Bourdieu aponta as limitações de quaisquer procedimentos e estratégias que visam à redução da distância social/hierárquica entre o pesquisador e os pesquisados. Em razão disso, caberá àquele adotar os procedimentos necessários à diminuição desta distância: “O sociólogo [deve ser] capaz de *se colocar em seu lugar* [do entrevistado] *em pensamento*” (p. 699, grifo do autor). Esta tentativa de situar-se *mentalmente* no lugar que o pesquisado ocupa no espaço social é dar-se a uma compreensão, do seu **objeto**, fundada no domínio das condições e dos condicionamentos psíquicos e sociais dos quais ele é produto e que estão diretamente associados à sua *posição* e à sua *trajetória* particular neste espaço.

O autor alerta-nos para o fato de que a reflexividade somente não ajudará o sociólogo na situação de pesquisa, uma vez que certo *tipo* de entrevistado pode tentar (consciente disso ou não) impor a sua *definição da situação*, vindo a intervir (negativamente) na investigação por fazer, em proveito próprio, com um discurso da imagem que é aquela que tem e quer dar (aos outros e a si) de si mesmo. A entrevista deveria – segundo Bourdieu – ser considerada uma forma de *exercício espiritual* em que se realiza uma *conversão do olhar* sobre os outros nas circunstâncias comuns da vida, pelo *esquecimento de si* por uma *disposição acolhedora* em que o pesquisador se inclina a fazer seus os problemas do pesquisado.

Aquilo que, neste texto, Bourdieu denomina de **essencial** (pp. 702, 704), é a construção de um modelo de entrevista em que a postura do pesquisador *provoque* na situação de pesquisa o surgimento de um *discurso extraordinário* (p. 704) da parte do pesquisado e que este seja incitado – por proposição sem imposição – a realizar uma auto-análise em que constrói o seu próprio ponto de vista sobre si e sobre o mundo e, então, manifesta esse ponto fundamental a partir do qual vê a si mesmo e ao mundo, *explicando-se* para si e *situando-se* no mundo por ele *significado*.

A esta metodologia de entrevista, Bourdieu chama de *auto-análise provocada e acompanhada* (*idem*), que consiste num **trabalho de explicitação** simultaneamente gratificante e doloroso em que o pesquisado enuncia com **intensidade expressiva** as experiências e reflexões que já cultivava, mas que nunca teve a ocasião de explicitá-las ou atualiza-las devido às tendências de reservar-se (individual) ou de deixar-se reprimir (social). Neste caso, as perguntas do *questionário* – “sempre abertas e múltiplas e frequentemente reduzidas a uma atenção silenciosa” (p. 705) – devem ser formuladas e concebidas como *sugestões* ou roteiro para o início e a condução da situação de comunicação excepcional, livre dos constrangimentos que pesam sobre a maior parte das relações de troca no cotidiano.

Bourdieu faz uma reflexão esclarecedora quanto à objetividade da pesquisa em Ciências Sociais. De acordo, tal objetividade é um ato de *objetivação*, pois, não se tem um dado *nu* que se é deslindado em sua **essência** – como querem os fenomenólogos que estão entre os interlocutores do autor neste artigo – e sim um dado que é *construído* enquanto objeto (que implica um *recorte*); enquanto problema (que implica valores e decisões) e, como não poderia deixar de ser, enquanto *achado*. De fato, os nossos **achados** são, na verdade, *apanhados* porque *construídos*.

A estratégia de *intervenção* na entrevista que o autor chama de **forma de maiêutica** (p. 706) é, portanto, uma das medidas profiláticas contra os efeitos das estruturas na relação (social) de pesquisa. Uma vez que, por exemplo, ao invés de **extorquir** (*idem*) as declarações dos entrevistados por meio de sondagens ingênuas “cujas perguntas forçadas e artificiais produzem coisas fictícias que elas acreditam registrar” (*idem*), ela produz a consciência nos entrevistados de que as suas *verdadeiras* opiniões estão por debaixo dos **resíduos** culturais que são difundidos tanto na mídia quanto nas representações sociais utilizadas e valorizadas num dado *espaço social*.

Bourdieu entende que, pela via da **neutralidade**, ocorre uma “imposição da problemática” (p. 707) que se realiza pela escolha da metodologia do questionário fechado e cujas respostas não serão as opiniões verdadeiras – de uma “sinceridade inesperada” (p. 706) – dos entrevistados e sim opiniões *impostas* e *desviadas*. Há ainda o reforço dessas **opiniões**, uma vez que “a publicação das opiniões assim impostas contribui para impô-las e assegurar-lhes uma existência social, dando aos pesquisadores a aparência de uma validação própria e reforçar a sua credibilidade.” (p. 707).

O autor conclui que é somente pela via da *construção* que se evita que as preconstituições e os efeitos dos mecanismos sociais atuantes, inclusive nas operações científicas, obstruam essa *provocação do essencial* dos fenômenos sociais para que sejam expressos pelos pesquisados de forma o mais livre possível. Pois, só se pode chegar ao **discurso explícito** (p. 708) à custa de uma metodologia de trabalho que vise revelar – em detrimento da coleta de opiniões as mais espontâneas e, frequentemente, auto-enganadas, com as quais se satisfazem os pesquisadores apressados e inexperientes – *aos próprios pesquisados*¹³⁵ e, como recompensa, ao pesquisador reflexivo “as coisas enterradas nas pessoas que as vivem e que ao mesmo tempo não as conhecem e, num outro sentido, conhecem-nas melhor do que ninguém” (p. 708). O sociólogo porta-se – ao realizar, junto ao pesquisado, esse trabalho de explicitação e por fazer uso de estratégias para “tornar conscientes as disposições primárias socialmente constituídas em vista de neutralizá-las e as desenraizar” (p. 709) – como um **parteiro** (p. 708) da *intensidade expressiva* (p. 705) ou *verdade descoberta* (p. 708), uma vez que ajuda o pesquisado a expressar a *sua* verdade, extraída de sob os escombros do lixo social que a sufocava e a reconhecê-la como já estando lá.

¹³⁵ Eis aqui o sentido do que Bourdieu chama de “auto-análise provocada e acompanhada” (p. 704).

Para Bourdieu a objetivação verbal do discurso *recolhido* e tornado público pela *transcrição* deveria estar submetida a duas categorias de preocupações, segundo ele, difíceis de conciliar. A primeira delas diz respeito às “obrigações de fidelidade a tudo o que se manifesta durante a entrevista, e que não se reduz ao que *realmente* registrado na fita magnética” (p. 709, grifos nossos). A segunda está vinculada às “leis de legibilidade que se definem em relação com destinatários potenciais” (*idem*) e que limitam consideravelmente a publicação de uma transcrição fonética – nos moldes das gramáticas orais e dos trabalhos do sociolinguísta Willian Labov (cf. p. 697) – “acompanhada das notas necessárias para restituir tudo o que foi perdido na *passagem do oral para o escrito*” (p. 709, grifos nossos). Embora seja tão difícil, a *intervenção do analista* é, na mesma proporção, necessária e é, num só tempo, um ato político e um ato de responsabilidade.

É, pois, transportando-se o estudioso em pensamento ao *locus* em que se encontra o seu **objeto** e tomando o seu ponto de vista e compreendendo que estando em seu lugar, pensaria, sentiria, agiria, enfim, seria necessariamente como ele. Objetivando a si mesmo e colocando-se neste lugar social do **objeto** e assumindo, por um jogo mental, os seus pontos de vista, o sociólogo cumpre mais cabalmente a sua tarefa de desvendar o poder e reprodução das estruturas sociais que pesam sobre os agentes e, também, as forças, os movimentos e os agentes que, mesmo estando em imensa desvantagem, podem superar o poder de determinação das estruturas suplantando-as, superando-as e, até, mudando-as. Em todo este movimento em *perseguição à verdade* (p. 709), o “sociólogo não pode ignorar que é próprio de seu ponto de vista ser um ponto de vista sobre um ponto de vista” (p. 713).